

Alfredo Pimenta na luz definitiva

Solicitado para colaborar na homenagem deste «Boletim» a Alfredo Pimenta, julgo a melhor solução reproduzir aqui hoje o editorial publicado no semanário *O DEBATE* de 8 de Novembro de 1951, num número que se propunha ser de preito à sua memória logo após a trasladação do seu corpo para a capela da Madre-de-Deus, junto a Guimarães.

Creio ser uma página de evidente sinceridade e de escrupulosa justiça — e em que *digo quanto poderia voltar a dizer hoje*.

Intitula-se «*Alfredo Pimenta na luz definitiva*». Ei-la, de novo:

— «Há cerca de um ano escrevi algumas palavras comovidas para a Emissora Nacional sobre Alfredo Pimenta, logo após a surpresa dolorosa da sua brusca morte. E encerrei-as com a seguinte afirmação: — «Podemos estar descansados. Com o andar do tempo, a figura de Alfredo Pimenta há-de crescer — e cada vez mais!»

O período corrido desde então prova quanto acertei no fácil vaticínio. E agora eis a jornada de Guimarães cujo significado e cuja amplitude saltam aos olhos de todos.

Podemos, de facto, estar descansados — nós, os amigos mais próximos e mais antigos de Alfredo Pimenta.

Vínhamos dos belos e honrosos combates da ACÇÃO REALISTA. Éramos poucos, mas seguros. Unia-nos — embora cada um com suas inclinações, seu feitio próprio, seu diverso curso de vida — a fidelidade aos ideais de uma integral restauração portuguesa: quer nos domínios da Verdade metafísica e ética, quer nos do conhecimento e da interpretação da História, quer nos da filosofia e da acção políticas. Declaráramos guerra às maléficas utopias liberais-democráticas e social-comunistas — ao serviço da doutrina não liberal mas libertadora, não democrática mas demófila, não social-comunista mas corporativa-católica da Monarquia orgânica,

tradicional, anti-parlamentar — Monarquia do Portugal de sempre adaptada às realidades e exigências do Portugal do nosso tempo. Isto nos unia indestrutivelmente; e também o amor da coragem de afirmar, da linguagem nítida, dos campos bem extremados e definidos. Repugnavam-nos por igual a estratégia maleável dos oportunistas, o cego atrevimento dos ignorantes, a triste confusão mental dos sofistas e dos primários. Assim nos juntámos, travámos as nossas batalhas, estreitámos, com o nosso convívio, laços de afecto desses que vão até o fim...

Poucos éramos, os amigos mais próximos de Alfredo Pimenta. Isolavam-no, connosco, as suas polémicas tantas vezes apaixonadas, a vivacidade e agressividade do seu estilo, a intransigência das posições que assumia. A quem de perto o conhecesse, como nós, tudo isto se afigurava naturalíssimo — e atenuado pela outra face do seu perfil: o da afectuosa camaradagem, do culto do lar e da família, da sensibilidade quase infantil... Mas quem o não conhecesse ou só o conhecesse de longe reagia de maneira diferente; por isso o alvejavam despeitos, antipatias, ressentimentos. Tinha de ser assim — e quantos confundiram o polemista em plena luta com o *homem essencial*, que era muito outro!

Nós, esperávamos — certos de que viria a merecida justiça. E veio. Começou ainda em vida de Alfredo Pimenta nos últimos anos, quando novos amigos se juntaram à sua roda — ao passo que subia entre a gente moça o seu prestígio de condutor e de mestre. E agora, agora que a morte o envolve numa luz perene, agora que se afastam e diluem os remotos incidentes de uma existência de combatente sem tréguas, agora que no silêncio e no repouso da capela da Madre-de-Deus, o vemos, por fim, como na breve legenda do poeta francês

*...tel qu'en lui-même enfin
l'éternité le change...*

agora, onde ficam os seus pobres inimigos? Se ainda existem, que mal podem fazer-lhe? Os que o louvam e seguem tornam-se legião. O pensador vigoroso, o notável erudito, o doutrinador sem medo, o prosador-artista impõe-se desde já à posteridade, entra desde já numa glória indiscutível...

E não havemos de estar descansados, nós, os seus amigos mais

íntimos — os do tempo em que éramos tão poucos? Sabemos que Alfredo Pimenta continuará a ser, tanto para os de ontem como para os que nesta altura o descobrem e para os que hão-de vir a descobri-lo — cada dia maior.

A jornada de Guimarães não teve sabor de elegia, mas de alvorada. Não foi homenagem fúnebre a um desaparecido; foi saudação a um guia e companheiro de quem a presença é viva, dominadora — e de quem muitos começam apenas a adivinhar a estatura, o valor, a projecção na história da Cultura Portuguesa e nos caminhos mentais e políticos da Nação!

João Ameal

Nota:

João Ameal veio a falecer no dia 23 de Setembro. É mais um bom português que desaparece, ficando, porém, bem viva a sua «projecção na história da Cultura Portuguesa», que tanto ilustrou.

Alves de Oliveira